



Guerra entre a vida e a morte

Diante dos graves problemas que afligem a população atualmente, o aborto é um dos que mais nos preocupam, pois nos faz parar e pensar nos porquês de cada escolha. Assim como numa guerra, o aborto mata indiscriminadamente, as mulheres acabam se transformando em soldados, e os “médicos”, em armas. Mas, como condenar a opinião das pessoas, se cada um tem um modo diferente de considerar o fato? Impossível.

No Brasil, o aborto é considerado um crime que mata mais de cinco milhões de pessoas por ano, essas pessoas cometem uma injustiça, e não recebem nenhuma penalidade, é realmente um fogo cruzado.

A situação não é só crítica no Brasil, como também em todo o mundo, e os motivos são diversos. Algumas mulheres são tão jovens, que ao se verem sem situação de mães, ficam desoladas e acabam tomando a decisão por impulso, sem pensar nas tragédias conseqüentes físicas e psicológicas que o aborto pode lhes trazer. Ficam no meio de uma guerrilha de sentimentos e acabaram assassinando quem não tem culpa de não ter sido planejado, de não ter pais responsáveis o suficiente para responderem pela concepção de outro ser. Muitos abortos são, inclusive, realizados por mulheres “maduras”, que têm uma vida profissional promissora da qual não abdicariam em função de um filho, fruto de um “pequeno descuido”. O triste é que esse descuido custa caro: o preço da vida. E ninguém pode custear uma vida.

Seja como for, o aborto é um fato que merece atenção política, pois tem deixado inúmeras seqüelas em nossa sociedade. Legalizar ou não, essa é a questão mais discutida hoje. Mas não deveria. O que realmente tinha de ser discutido é a contracepção a sua origem, já que são com acordos de Paz que se acabam as guerras!

Débora Pivatto
1999

